



UMA ANÁLISE METODOLÓGICA NO ESTUDO INTERDISCIPLINAR COM FOCO NA DESCENTRALIZAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA EUROCÊNTRICA NA GUINÉ-BISSAU

Marinho Nhanri¹

Adelaida Cadidjatu Mali Jalo²

Marta Bengue Quizembo³

Ricardo Ossagô De Carvalho⁴

RESUMO

O presente trabalho pretende dialogar com os textos que buscam trazer uma nova perspectiva do conhecimento do continente africano que não coloca o ocidente como centro de produção do conhecimento. Como se vem discutindo na sala de aula sobre uma educação interdisciplinar e intercultural numa dimensão de como ela pode promover o diálogo entre diferentes culturas e identidades sociais, especialmente em contextos marcados por exclusão, desigualdade e discriminação, que são realidades observadas quando se fala da prática do ensino na sociedade guineense. O que se ensina nas salas de aulas para os estudantes do ensino médio e secundário, não dialoga diretamente com o contexto social dos estudantes. Esta falta de diálogo e de inter-relação dos conteúdos passados na sala de aula com a realidade social, acaba ocultando os valores identitários sociais e culturais da nossa sociedade e trazendo o ocidente como o modelo da sociedade civilizada a ser seguida. Com o propósito mudar este olhar sobre a prática do ensino que se faz o presente ensaio com os autores que trazem um olhar crítico sobre a discussão colocada. Os textos discutidos na sala de aula trazem uma reflexão interdisciplinar e metodológico que serão trazidos para o presente ensaio.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; descentralização epistêmica; Guiné-Bissau.

UNILAB, IH, Discente, nhanrimarinho@aluno.unilab.edu.br¹

UNILAB, IH, Discente, maliadelaida@aluno.unilab.edu.br²

UNILAB, IH, Discente, quizembo@aluno.unilab.edu.br³

UNILAB, IH, Docente, cienciaspoliticas@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

Como se pode verificar o trabalho vai se centralizar em alguns pontos centrais que são pesquisa qualitativa que com a execução das suas técnicas permite que se consiga compreender os fenômenos e os contextos sociais. Para a compreensão do processo da descentralização dos saberes e proporcionar a ruptura epistemológica que coloca o ocidente no centro como o detentor dos saberes, necessita-se de um estudo interdisciplinar que será por meio de estudos bibliográficos, porém o ensaio vai se centralizar nos estudos que abordam questões sobre a globalização de conhecimento que o ocidente tenta dominar, fazendo parecer que são os detentores do conhecimento.

Os textos selecionados para a realização do presente ensaio, pretende-se demonstrar duas questões importantes que são estudos sobre a África por meio dos africanos originários que vão poder discutir as questões importantes sobre o continente e por outro que pensam como se pode realizar esta pesquisa metodologicamente.

O campo das ciências sociais e humanas tem sido atravessado por debates cruciais em torno da produção, validação e circulação do conhecimento. A hegemonia de um paradigma eurocêntrico e disciplinar tem sido colocada em evidência por propostas que apontam para a descentralização epistêmica e a valorização de saberes alternativos. Este ensaio busca discutir como a pesquisa qualitativa, em articulação com a interdisciplinaridade, pode contribuir para a construção de um campo científico mais plural e descolonizado.

METODOLOGIA

Para realização do presente trabalho é adotado uma abordagem metodológica qualitativa, que Segundo Demo (2009, pág. 159) a pesquisa qualitativa “busca o aprofundamento por familiaridade, convivência, comunicação”. Para as discussões do tema, adotamos as técnicas de levantamentos bibliográficos, análises de artigos, teses e dissertações. “levantamento bibliográfica/ pesquisa bibliográfica” que se refere às investigações “que se efetua tentando resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações advindas de material gráfico, sonoro e informatizado” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 85). Com base na metodologia e nas técnicas adotadas para as análises dos dados, nota-se uma escassez dos documentos que abordam esse tema ligada a realidade guineense. Porém, tentamos fazer um estudo comparativo que possa refletir a realidade guineense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Gaudêncio Frigotto (2008), a interdisciplinaridade não é apenas um método ou técnica, mas uma exigência histórico-cultural e epistemológica. Nas ciências sociais, o conhecimento só pode ser efetivamente compreendido em sua totalidade e complexidade se rompermos com os limites das disciplinas tradicionais, estabelecendo assim a comunicação entre as disciplinas das ciências sociais e das ciências naturais. O autor explica a totalidade correta como uma necessidade na construção do conhecimento, para esta colocação o autor vai dialogar com Kosik (1978) debruçando que, a totalidade concreta, [...] não é tudo e nem é a busca do princípio fundador de tudo. Investigar dentro da concepção da totalidade concreta significa buscar explicitar, de um objeto de pesquisa delimitado, as múltiplas determinações e mediações históricas que o constitui. A historicidade dos fatos sociais consiste fundamentalmente na explicitação da multiplicidade de determinações fundamentais e secundárias que os produzem (Frigotto, 2008, p. 44).



A interdisciplinaridade, por sua vez, surge como uma alternativa à fragmentação do saber promovida pela divisão moderna das disciplinas. Como argumenta Frigotto (2008), é necessário romper com a compartimentalização do conhecimento, que impede a apreensão dos fenômenos em sua totalidade e complexidade. A interdisciplinaridade, nesse sentido, não deve ser apenas a junção formal de conteúdos disciplinares, mas uma prática de pensamento que desafia hierarquias e promove o diálogo entre diferentes campos e lógicas de saber.

Quijano (2005), faz uma crítica interessante sobre a descentralização epistêmica no qual dialoga com a teoria da epistemologia do sul, o autor construiu a sua crítica direcionada ao que ele chamou da “colonialidade do poder”, na sua crítica o autor mostra que a descentralização epistêmica exige não apenas a inclusão de novos objetos de estudo, mas a transformação dos próprios critérios de validação e reconhecimento do conhecimento. “[...] a negação da necessidade dessa ideia de totalidade na produção do conhecimento é extrema, mas não de todo arbitraria” (Quijano, 2005, p. 85). portanto a possibilidade da descentralização epistêmica, constitui uma via potente para repensar os modos de produção de conhecimento. Ao valorizar a experiência, o contexto e a pluralidade de saberes, ela contribui para a construção de uma ciência mais inclusiva e comprometida com a justiça cognitiva. Desobedecer epistemicamente, neste caso, não é um gesto de negação, mas de afirmação de outras possibilidades de existência e saber.

Segundo Bachelard (1996), o progresso científico exige uma ruptura com o senso comum e a opinião. O autor introduz a noção de obstáculo epistemológico como uma barreira interna à própria atividade de conhecer, sugerindo que o espírito científico contradiz o passado e que o conhecimento deve ser sempre uma reconstrução crítica. Essa concepção permite pensar a pesquisa qualitativa como uma abordagem capaz de romper com visões naturalizadas sobre os fenômenos sociais, abrindo espaço para a escuta de sujeitos e saberes historicamente marginalizados.

O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído (Bachelard, 1996, p. 18).

Posto isto, o autor nos explica que para que se realize uma pesquisa, o pesquisador precisa saber colocar perguntas certas no momento certo para adquirir respostas desejadas para a sua pesquisa. Os conhecimentos precisam ser conseguidos devido ao esforço científico guiado por crescimento espiritual na produção do conhecimento, porém os saberes a serem produzidos precisam e devem refletir a realidade da sociedade para qual será destinada, sendo assim, uma ruptura epistemológica se faz necessário na criação de novas perspectivas de e novas linhas de pensamento para as sociedades que passaram pelo processo de colonização.

Essa nova forma de pensar a sociedade moderna que Maldonado-Torres (2016) vai denominar da atitude decolonial, que nos limita a única forma pensar a sociedade moderno por meio do horizonte norte estabelecido pelo ocidente, porém a contemporaneidade nos provoca a ampliar os nossos horizontes na forma de pensar, agir, atuar e na maneira como produziremos os conhecimentos que vai trazer novo campo de pensamento no currículo escolar.

Traz-se para este debate Owusu (2016), para reforçar a necessidade da ressignificação epistemológica ou ruptura epistemológica, o autor coloca que a ruptura pode-se fundamentar com a reconstrução epistemológica para que se possa rejeitar o legado colonial da disciplina. Ressignificação epistemológica, que poderá permitir novos horizontes que valoriza aquilo que, sob os olhos e na perspectiva ocidentais, é



considerado “inútil”. Nesse sentido, a crítica africana da etnografia exige um novo pacto com a experiência vivida, com a oralidade, com o corpo e com o simbólico. A forma de nos posicionar para descolonizar a nossa sociedade com as histórias mal contadas de fora para dentro, ou seja, com os estudos sobre a África e não um estudo da África que não considera os africanos ou o sujeito pesquisado como um mero objeto de pesquisa, porém precisa-se ter a atitude de nos abandonar a posição do espectador nos estudos que falam sobre o continente. Portanto, precisamos trabalhar para descolonizar os conteúdos produzidos com a tendência ocidental e também dar atenção para a ressignificação das formas de produção do conhecimento.

Para se fazer valer a pena essa reconstrução epistemológica, primeiramente precisamos desconstruir a lógica eurocêntrica que ignora os nossos métodos de produção de conhecimento e tentaram nos convencer que o único conhecimento válido é a que foi escrita, “os povos subjugados eram obrigados a adotá-lo e utilizá-lo se eles quisessem ser bem-sucedidos no mundo colonial. Com o tempo, o africano colonizado foi induzido a acreditar que qualquer coisa escrita num idioma europeu era sacrossanta, infalível e inquestionável” (Owusu, 2016, p.212). Portanto, para a descolonização epistêmica acontecer precisa-se que os países que compõem o continente trabalhem em colaboração com os intelectuais que trabalham na produção dos conhecimentos que realça a ciência e a sociologia africana, esse processo precisa envolver as construções das universidades, escolas, políticas públicas que promovem e incentivam os jovens intelectuais a começarem a produzir ciências que fala da África.

CONCLUSÕES

A integração entre pesquisa qualitativa, interdisciplinaridade e descentralização epistêmica oferece contribuições importantes para a construção de um novo paradigma de ciência – mais democrático, plural e engajado com a justiça cognitiva. No entanto, esse movimento também enfrenta resistências, especialmente por parte das instituições acadêmicas tradicionais, que ainda operam segundo critérios rígidos de avaliação e reconhecimento do saber. Esse reconhecimento que é classificado segundo o critério eurocêntrico por isso que os conhecimentos que não obedecem a estes critérios acabam enfrentando o racismo epistêmico, a superação da lógica produtivista da ciência, a revisão dos currículos do ensino médio e secundário e a abertura efetiva à participação de sujeitos historicamente marginalizados nos processos de pesquisa. A descentralização epistêmica não é apenas uma crítica ao eurocentrismo, mas a construção de um horizonte onde todos os saberes possam ter voz, legitimidade e presença no espaço acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de dedicar este agradecimento ao nosso orientador pela partilha que tivemos na construção do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- BACHELAR, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: editora Contraponto, 1996. p. 7-90
- BARROS, S. J. Aidel; LEHFELD, S. A. Neide. Fundamentos de metodologia científica. - 3.ed. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. 1. Ed. -7. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2009.



FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, A. P; BIANCHETTI, L (orgs.). Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 75-97, Janeiro/Abril 2016

OWUSU, Maxuell K. IN: LAUER, Helen; ANYIDOH, Kofi (organizadores) O resgate das Ciências Humanas e das humanidades através de perspectivas africanas - Brasília: FUNAG, 2016. 4 v.

QUIJANO, Quijano. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas (org) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005